

O exemplo vem de baixo

Nascer para o mundo e educar. São duas definições que, partindo das raízes etimológicas (*estudo da origem e formação das palavras*), podem ser aplicadas para duas palavras: criança e educação. Advindas do verbo latim educare, cujo significado é "criar com zelo", a palavra pode também ser interpretada no sentido de "trazer à luz a ideia", ou seja, moldar a ideia (ou a criança) e colocá-la no mundo.

jovens guris, surgem outros tantos para serem citados – e resolvidos. Um puxa o outro. Mas a base de todos eles é a atenção, o zelo dos pais pelos seus rebentos.

Com o tempo cada vez mais escasso, os pais deixaram de dar a atenção devida aos filhos. Tentaram preencher essa lacuna com bens materiais. Falharam. É o que confirma a psicóloga Eliane Rossato Gomes, que acrescenta: "Parte dos problemas que atendo

aparecem para a família.

Com os mesmos 10 anos, Amanda diz que quer ser como a amiga da mãe. "Ela é legal, compartilha as coisas e ouve os problemas da gente, pois a minha mãe não dá condições para compartilharmos os problemas com ela, nunca tem tempo".

A garota sonha trabalhar na TV para ser vista por todas as pessoas e assim mostrar o seu talento. Quer ter fama acima de tudo. Depois disso quer os itens da coleção da Polly. Gosta da mãe por ela fazer tudo que pede. Além disso, ela faz o papel de pai e mãe. Polivalente.

Um pouco mais novo, com 6 anos, Gabriel (filho único) quer ser um cidadão como seu pai. Motivo: Um dia Gabriel quis deitar um pouco e, sonolento, acabou por dormir no sofá. Seu pai o ajudou. Pegou no colo e levou para a cama e ainda cobriu o garoto. É carinhoso. Isso basta para servir de exemplo.

Luíza, também 6 anos, quer ser como o pai de uma amiga: médico. Quer cuidar dos doentes e ajudar as pessoas. Se sobrar um tempo, quer trabalhar na TV. Como sonho de consumo pretende comprar uma loja de brinquedos. Se possível só o setor de bonecas (que fique claro).

O gremista Murilo, de 6 anos, quer ser como o pai: atencioso. Ele o leva pra passear em todos os lugares e ainda brinca com o filho quando tem tempo. Murilo se espelha de tal forma no progenitor, que pretende seguir a mesma carreira: policial. Quer também ser jogador de futebol e conciliar as duas profissões. Se conseguir, chegará próximo ao sonho de consumo, que é ter uma casa igual

"Conforme crescemos e abrimos nosso leque social, vamos pegando todos os exemplos à nossa volta, mas só assimilamos os que mais nos agradam. A partir deles nós os reproduzimos através do nosso próprio comportamento" reforça Rosane.

O processo – e o conceito – de imitação é estudado atualmente por várias correntes teóricas da pedagogia e psicologia. Suas primeiras citações datam de Platão, quando ele afirmou que toda a criação era uma imitação; mesmo a criação do mundo era uma imitação da natureza verdadeira (o mundo das ideias).

A Infância de tempos atrás

A liberdade e o acesso à informação trouxeram um leque de possibilidades. Deu chance às pessoas de terem uma gama de conhecimentos impossível de serem adquiridos pelo grosso da população de 20 anos atrás. Mas junto com as benesses, vieram os problemas, principalmente para crianças: "Hoje a criança não sai mais na rua. Se tranca em um quarto e fica em um computador sendo quem ela quiser em um mundo virtual que não restringe o que ela absorveu de ruim. Esse comportamento criará adultos com problemas de comportamento social sérios" diz Rosane Maria Machado Costa Aguiar, que também dá aulas de 'Relações Humanas e Sexualidade' a adolescentes.

Muitos se questionam: Qual a diferença (primordial) das crianças de hoje para as crianças de 30 anos atrás?



Mariana Lellis Pizzi

União.

Zelar é um verbo que sana qualquer dúvida da intrínseca ligação das crianças com a educação. Antes de substantivos, são dois conceitos que merecem o máximo de dedicação e atenção, pois quando mal cuidados, crescem deformados, sem rumo certo.

De acordo com a psicóloga Eliane Rossato Gomes, que trabalha com crianças, "a infância nos dias de hoje vai até os 11 anos de idade... infelizmente. Elas [as crianças] amadurecem cada vez mais rapidamente e perdem o 'faz de conta', o lúdico, que prolongam a infância".

Eliane adiciona que "cada vez mais as crianças conseguem mais rápido o que querem". Um mau sinal segundo a psicóloga, que faz um alerta: "Isso faz com que elas busquem outros meios de interação social e diversão, é aí que se tornam adolescentes precoces".

Caroline Zago Rosa, também psicóloga e professora universitária, destaca como grande vilã da infância e precursor da adolescência precoce "a competição do mundo capitalista. Você

cada vez mais cedo tem que aprender cada vez mais coisas para poder ser cada vez melhor. Hoje atribuímos às crianças horários de atividades quase igual a dos adultos e consequentemente, elas brincam muito menos".

A cada problema citado no cotidiano dos

aqui, acaba se diagnosticando quando vejo que os pais não se dedicam ao filho. [...] As crianças pedem por atenção. E não precisam de muita. Mesmo que os pais tenham pouco tempo, basta aproveitá-lo com qualidade".

Caroline Zago Rosa endossa: "Sem dúvida isso é verdade [os filhos como reflexo dos pais]. Não precisamos culpar nossos pais ou família, mas se quisermos nos enxergar, é só olhar para o comportamento dos nossos filhos. Eles são nossos espelhos em valores, comportamentos, linguagem, respeito, ética, princípios... Me refiro tanto aos aspectos positivos quanto negativos."

A luz das ideias

Um mundo de ideais puras e altruísticas. Assim é a maioria das crianças. A essência de humanidade que todos procuram quando se tornam adultos. Elas, que tanto querem ser como adultos, mal sonham que todos nós queremos ser como elas: livres.

Juliana, 10 anos, quer ser como sua amiga: fisioterapeuta. Gostaria

de trabalhar em uma clínica onde pudesse ajudar as pessoas. Nas horas vagas quer colecionar os modelos de tênis da Polly e adicioná-los a uma lista que já conta com um hotel em miniatura da mesma marca. Gosta do pai por ele ser trabalhador, sustentar a casa e, de quebra, resolver as dificuldades que



Mariana Lellis Pizzi

O Mundo gira.

a do rancho Neverland, do recém-falecido Michael Jackson.

Inspiração e imitação

Sobre a linearidade de aspirações, a psicóloga e professora Rosane Maria Machado Costa Aguiar explica que "enquanto criança, somos como esponjas, absorvemos tudo a nossa volta".

Para Caroline Zago Rosa, "antigamente tínhamos heróis admiráveis e adultos muito mais adequados do que atualmente. Nossos relacionamentos eram muito mais voltados para o que cada um era como pessoa, não para o que cada um tinha de material. Estávamos interessados em brincar e não em competir para saber quem era o melhor. Conhecíamos os limites e podíamos ser criativos nas brincadeiras".

Satisfação. A cada dia que passa é este o sentimento que fica pelo jornal. Chegamos à 11ª edição livres. Impresso ou virtual é confortável a sensação do dever cumprido, do trabalho feito e do reconhecimento. Às vezes o sacrifício beira o incompreensível. Como, por exemplo, trancar um curso de jornalismo para se fazer... jornalismo! Paradoxos da vida. Ser jornalista é estado de espírito, vocação, obrigação. Ser parcial sim, mas com independência. A coerência editorial passa longe de estéticas gráficas e desculpas para um jornalismo café com leite. Tal qual os músicos anônimos da noite. Não se prostituem em sua vocação, mas arranjam outros empregos para que o sonho continue...

Nas mãos das crianças o futuro. Em seus

olhares a percepção de um mundo ao qual deveríamos nos atentar mais. O filho amar o pai por um gesto de carinho que passaria despercebido demonstra isso. Conforto material constrói muros sólidos, caminhos seguros. Carinho sincero e amor incondicional ensinam a viver sem tal conforto.

Nas palavras do reitor, a confirmação. Acreditar no ser humano é a melhor resposta para a sociedade, difícil é aceitar que somos falhos com o próximo. Com humildade, professor Valter como é conhecido, ministra uma aula sobre a educação e a vida. Possui a alegria de uma criança, o entusiasmo de um jovem e a experiência de mais de quatro décadas de dedicação ao ensino.

Coisa nossa.

CIDADE SILENCIOSA

Leonildo Trombela Junior



Amarrar pode...

ESQUIZOFRENIA ALCOÓLICA

Cartola (o saudoso sambista verde e rosa), em certa altura da vida, adotou como dieta matinal um copo de conhaque e um de cerveja. Nada mais. Era sagrado - e diário.

Depois de certo tempo, o expoente da música brasileira, começara a emagrecer demais da conta. Não deu outra, foram chamar a atenção do já franzino senhor:

- Cartola, o que é isso!? Você não come mais nada homem, se continuar assim você morrerá. Só bebida não sustenta!

Com um ar malandro, Cartola replica:

- Mas como assim? Eu me alimento muito bem de manhã. Olha aqui.

(Aponta para os dois copos)

- Está vendo?

- Estou sim, são dois copos de bebida alcoólica! - responde indignado o admirador preocupado.

Cartola, mais malandro ainda responde:

- Errado. Só tem um copo de bebida (o conhaque) porque ninguém é de ferro, não é? O outro é meu pão líquido.

Expediente

Repórteres: Leonildo Trombela Junior • Marcelo Dias • Mariana Lellis Pizzi

Publicação: DIAS & TROMBELA LTDA - ME CNPJ: 10.714.794/0001-09

Redação: Rua Álvares Cabral, nº 469. Edifício Antônio Diederichsen, Sala 122 - Centro - Ribeirão Preto - SP

Contatos: Redação (16) 3289-0708 • Depto. Comercial - Thaila Neli (16) 3289-0709

Revisão Ortográfica: Sabrina Galli • contato@inconfidenciaribeirao.com • Edição online.

*As opiniões expressas em artigos e colunas assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

TODOS OS DIAS, ENCONTRAMO-NOS DIANTE DOS MAIS DISTINTOS "UNIVERSOS PESSOAIS". A COMEÇAR PELO NOSSO PRÓPRIO "MUNDINHO" E O DOS NOSSOS RESPECTIVOS ACOMPANHANTES (PARCEIROS, FILHOS, AMIGOS) ATÉ O "MUNDO, MUNDO, VASTO MUNDO" DA MÍDIA, DE ONDE NOS CHEGAM INFINITOS MUNDOS...

SÃO TODOS DISTINTOS E AO MESMO TEMPO GIRAM EM TORNO DE UMA SEMELHANÇA, MAS ISSO NÃO BASTA. PARA FAZER PARTE DO JOGO É PRECISO SER "NORMAL", SEGUIR O PADRÃO. É UM FATO: A SOCIEDADE E SEUS MEIOS NOS FAZEM CRER QUE SOMOS NORMAIS, TENTAM NOS ENCAIXAR EM UM PADRÃO COM A FINALIDADE DE GARANTIR A FUNCIONALIDADE DO SISTEMA. AO MESMO TEMPO, TENTAM NOS FAZER ESPECIAIS, ÚNICOS, EXCLUSIVOS - "SEJA ORIGINAL E CONQUISTE O MUNDO!". O QUE ME PREOCUPA NÃO É ESSA TENSÃO EXISTENTE ENTRE O PARTICULAR E O SOCIAL (QUE TEM SENTIDO!), E SIM A CAPACIDADE DOS MEIOS DE MANIPULAR A SOCIEDADE, O HOMEM, PARA FAZÊ-LO ACREDITAR TANTO EM SUA "NORMALIDADE" COMO EM SUA "ORIGINALIDADE", MESMO DIANTE DESSE SHOW DE HORRORES QUE VIVEMOS E MARIONETES QUE SOMOS. O QUE O MONGE DIRIA SOBRE ISSO? (FLÁVIA ROSSI)

Ora, feliz é o ser humano, que hoje pode afirmar sua individualidade a plenos pulmões. Na história conhecida da civilização, nunca houve um momento tão voltado para a valorização individual como este que presenciamos. Somos únicos, especiais, e podemos escolher facilmente o que mais apetece ao nosso bem-estar, dentre inúmeras opções. Há quem se dê ao luxo de decidir até mesmo no que vai trabalhar, vejam só! Sim, feliz é o ser humano. Principalmente

aquele que for ocidental, residir num país democrático, não ser ligado às minorias e, de preferência, estar financeiramente confortável. E possuir acesso à internet de banda larga, por favor.

Fato: o despontamento das liberdades individuais, da maneira como as conhecemos, anda de mãos atadas ao capitalismo. Somos o que consumimos. Os bens materiais em oferta são cada vez mais customizáveis, trazendo uma agradável impressão de destaque e de originalidade ("não tenha um celular igual ao de todo mundo, tenha um celular rosa que toca Madonna!"). E mesmo além das prateleiras das megastores, nossas opções não se esgotam. Culinárias típicas, estilos musicais, passeios turísticos, ideologias e religiões. Quase tudo que nos cerca encontra-se jogado no caldeirão da liberdade, no sopão dos múltiplos sabores que tomamos com prazer. Pois é assim que atualmente concebemos a forma de nos apropriarmos do mundo: consumindo. Seja um televisor de última geração, uma teoria discutida nos recantos acadêmicos ou uma doutrina espiritual. Dizemos "isso é meu, eu escolhi isso, é o que no momento devoro, vivo, respiro". Havemos de consumir tudo que o meio nos oferece, pois somos apenas pobres seres incompletos, inundados de angústia e buscando um sentido. A sociedade, por sua vez, age como uma lança de duas pontas, que destaca e inibe o indivíduo ao mesmo tempo. Seja único, faça o que quiser, mas aja da maneira sensata, que é como todos agem. Por fim, acabamos consumindo nossa própria individualidade. Infeliz é o ser humano.

ENTRELINHAS

O Mínimo é um projeto musical que nasceu na cidade de Ribeirão Preto com a idéia de focar a sua sonoridade nos aspectos mais simples do Rock, tendo nas vertentes do Punk ao Pós Punk, suas principais diretrizes. A idéia para banda surgiu dos velhos parceiros musicais Joca Vita e Jefferson Barcellos que já militam no cenário da música independente há muito

tempo, somados as músicos Daniel Sartori e Luciana Teoro o quarteto se solidificou e iniciou seu processo de criação. Letras despreziosas, mas cercadas de lirismo e sarcasmo, a ideia do grupo é diversão através da música.

(texto retirado do site www.tramavirtual.com.br)

O MÍNIMO - FINJA-SE DE MORTO

COMPOSIÇÃO: JOCA VITA

Ninguém é ninguém

Neste mundo,

Mas nem todo mundo

É alguém.

Tento imaginar como era

O começo de tudo,

A idade da Pedra.

Finja-se de morto

Diga que nada vê.

Finjem dizer a verdade,

Mas é difícil acreditar.

Tento imaginar como será,

O final de tudo

Não vou pagar pra ver.

anuncie aqui!

16.3289.0709

anuncie aqui!

16.3289.0709

"PASSARADA"

Cléa Carolina

Alto e unida em harmonia,
canta passarada, canta!
Ao ruído intermitente
d'avenida em agonia
que a violência tanto afeta,
sobrepõe tua melodia!

Plena de cumplicidade,
que o teu doce canto ecoe
no concreto da cidade,
reverbere em sua gente
como um grito de alerta
e por nos tua piedade

guie os versos do Poeta!

Rib. Preto, dez./2003

DO CONSUMIDOR

Tony Nascimento

Cheque pré-datado

Desde o advento da Lei do Cheque (Lei n. 7.357/85), este título vem sendo utilizado por todas as pessoas, físicas e jurídicas, para o pagamento de suas obrigações e, usualmente são emitidos cheques pré-datados, no comércio em geral, e é claro em quais transações financeiras que não exijam outros títulos de crédito.

Com o tempo, e com a chegada dos cartões magnéticos, aquele título de crédito perdeu espaço no comércio, bem como em outras modalidades de compra e venda, deixando espaço para os cartões de crédito e débito.

Não se pode perder de vista que tal inovação trouxe benefícios a todos os envolvidos em tais transações, minimizando, por exemplo, a devolução de cheques por insuficiência de fundos ou quaisquer outros motivos indicados pelas instituições financeiras, porém, mesmo assim o cheque não deixou de ser utilizado, ainda mais quando para a obtenção de prazo de pagamento maior que outras formas de pagamento propiciam.

Nesta forma de utilização de cheque, ou seja, pré-datado, é que reside um grande problema da atualidade, que é, evidentemente, a eventual devolução da cédula quando depositada pelo credor antes da data aposta no título, como sendo aquela pactuada pelos transatores.

Quando isto ocorre diversos problemas daí

decorrem, dentre eles, por obvio, a devolução do cheque, por insuficiência de fundos e até mesmo, em caso de reincidência, o encerramento da conta corrente bancária e, em alguns casos a inscrição do emitente nos cadastros de inadimplentes, trazendo-lhes, além da restrição do crédito, prejuízos de monta.

Na esteira desses prejuízos, além dos materiais, hodiernamente tem sido reconhecido o prejuízo de ordem moral, tendo em vista que, como dito, além do possível encerramento da conta corrente, pode haver a inscrição do emitente em cadastros de inadimplentes, como a Serasa.

Com o escopo de coibir essa prática e com escoras em diversas e reiteradas decisões judiciais, o Superior Tribunal de Justiça editou uma Súmula, em 26.08.09, no sentido de que a simples e indevida devolução de cheque caracteriza dano moral, independentemente de prova do prejuízo sofrido pela vítima, haja vista que a devolução do título causa desconforto e abalo da honra e imagem do emitente, surgindo daí direito à indenização pertinente.

Aguardemos então que sobredita súmula valha para coibir a prática, incessante, de devolução indevida de cheques pré-datados, desafiando os tribunais pátrios.

HUMOR INCONFIDENTE

Ferreirinha



O doce no salgado - Banana

Quando era pequena, torcia o nariz para certas coisas que apareciam nos pratos dos adultos. Laranja na feijoada, abacaxi na churrasqueira, banana no arroz e feijão, por exemplo, são coisas que eu simplesmente não entendia como podiam ser delicias com tantos humms pelos mais velhos. Mas a gente cresce e vai perdendo algumas frescuras (outras ficam, não tem jeito...), e assim se abre uma porta, na verdade um enorme portal, para infinitas combinações nas quais nosso paladar pode se perder à vontade.

Vamos tratar deste assunto de vez em quando, o "doce no salgado", pois assim quebramos a rotina da refeição. Lembrando destes sabores da infância, podemos nos arriscar um pouco mais, e para realmente surpreender o paladar (e não pesar no bolso), vale começar a se aventurar por esse mundo: já pensou em fazer um molhinho de jabuticaba para servir com aquela linguiça apimentada que você tem na geladeira, mas não sabia como fazer? Abrindo os horizontes, descobrimos que não é preciso comprar ingredientes caros para comer bem. Ingredientes de qualidade, destes sim não há como abrir mão. Mas aproveitar a sazonalidade dos alimentos e criar pratos diferentes é o que faz toda a diferença. Além dos preços estarem mais baixos, pois a oferta é grande, há também menos agrotóxicos, portanto são baratos e mais saudáveis.

Desta vez, não vamos nos aventurar tanto. Começemos devagar, para ir acostumando os paladares mais tradicionais, e com o tempo vamos juntos explorar novos sabores.

As quantidades que sugiro abaixo são apenas isto: sugestões! O interessante é manter o equilíbrio entre os sabores: a carne bem temperadinha, o arroz (que suaviza o sabor da carne), e a banana (bem madurinha, para conferir o sabor adocicado ao prato). Portanto, veja o quanto sobrou do arroz de ontem na geladeira, e faça a receita da forma que você quiser e com os ingredientes que tiver disponíveis: tente linguiça no lugar da carne moída; parmesão no lugar da mozzarella; ou simplesmente não gratine, e finalize a montagem com as bananas douradas na frigideira; tente arroz vegetariano, fazendo um arroz bem temperado com um refogado (por exemplo) de alho, cebola, azeitona verde e cenoura ralada, feito na manteiga e finalizado com cheiro-verde... Então, dê uma olhadinha na receita e vá inventar a sua!



Arroz com banana ao forno

- 2 colheres (sopa) óleo
- 1 colher (café) alho picado
- 1 xíc. carne moída
- 3 colheres (sopa) cebola picada
- 2 colheres (sopa) azeitona verde picada
- 2 colheres (sopa) salsinha
- sal / pimenta-do-reino
- 3 xíc. arroz pronto
- 5 a 6 unidades de banana-nanica
- 2 colheres (sopa) manteiga
- 200g (aproximadamente) queijo mozzarella para gratinar
- manteiga p/ untar

Doure o alho no óleo, acrescente a carne moída e refogue até que ela esteja cozida. Junte a cebola e a azeitona verde, pingue água se necessário, e vá refogando até que a cebola fique macia. Acerte o sal e a pimenta, e misture a salsinha e o arroz branco (já pronto). Reserve.

Descasque as bananas e corte-as no sentido do comprimento em 3 fatias. Em uma frigideira (antiaderente, de preferência), derreta um pouco de manteiga e doure as fatias de bananas. Vá reservando em um prato ao lado até terminar tudo.



Unte um refratário com manteiga e coloque metade do arroz com carne moída, cubra com metade da banana dourada, e depois com metade do queijo. Repita as 3 camadas (arroz com carne, banana e queijo), e leve ao forno bem quente para gratinar.

Você pode fazer este arroz com antecedência e guardá-lo na geladeira coberto com papel alumínio. Aí, antes de servir, leve-o coberto ao forno baixo, para que ele esquente sem queimar, e depois retire o papel alumínio para gratinar o queijo.

PROFESSOR DE VIDA

Professor, diretor, reitor, amigo, pai. Durante as últimas quatro décadas, esse jovem de cabelos brancos ensina, através de ensinamentos ou exemplo de vida, centenas de jovens (e adultos). Professor Valter é pró-reitor acadêmico do Centro Universitário 'Barão de Mauá'. Concedeu-nos o prazer deste Colóquio no bar da Cláudia, na Lagoinha. Local onde encontra os amigos e brinda a vida.

Qual é a motivação que o senhor tem para, depois de 43 anos, continuar trabalhando com educação?

Não são bem 43 anos, acho que é um pouco mais. Há 43 que eu trabalho no Centro Universitário 'Barão de Mauá'. Mas antes eu trabalhei no ginásio do estado em Altinópolis. Fiz uns cálculos e dos meus 66 anos, praticamente a minha vida toda eu passei dentro de uma escola. Ora como aluno, ora trabalhando.

Então o senhor nunca saiu da escola!?

Tive muitas oportunidades, até que não faltaram, não. Vejo isso como um avanço muito grande em nossa realidade até quando analiso a minha própria trajetória. Desde a infância, minha juventude, até hoje. Pensei 'Pô, vou falar isso para os meninos.' Tenho um defeito no braço esquerdo, pois tive paralisia aos seis anos de idade. E isso dificultou muito, era um trauma e uma dificuldade muito grande em suplantar. Porque tudo o que você faz com dois braços, eu teria que fazer com um. E não se pode, hoje, se colocar na mesma posição. Existem todas as facilidades. Há quarenta anos, não existia computador, nem se ouvia falar. Era máquina de escrever Olivetti e tinha um curso pra conseguir um emprego como escriturário, auxiliar de escritório, que era o meu objetivo. Meu pai faleceu quando eu tinha 3 anos, e ficamos eu e minha mãe. Ela sem formação nenhuma, mas linda, maravilhosa, inteligente. Uma pessoa a quem dedico o maior respeito até hoje. Nós tínhamos que estudar e aprender datilografia para conseguir um emprego modesto. E na época dava para se manter. A evolução que eu quero colocar é a seguinte: hoje você vai prestar um concurso público, tem dez por cento das vagas reservadas para um deficiente físico. Tudo tem acessibilidade para o deficiente, 'ene' situações que, embora não integralmente entrosado na sociedade, no mercado de trabalho, ele tem mais possibilidade. No meu tempo, pra terem uma idéia, jogava futebol, basquete, sempre gostei de esportes. No futebol, o professor falava que não me levaria pra treinar no Botafogo ou Comercial (morava em Altinópolis, nasci em São Paulo e fui criado em Altinópolis), 'porque você vai chegar lá e eles não vão te colocar pra treinar de forma alguma por conta do seu defeito físico.' Prestava concurso, chegava na hora do exame médico, era aprovado para escriturário. Me recordo que passei no concurso público do Banespa, que era o que todo mundo queria, o Banespa e o do Banco do Brasil. Na hora do exame médico, fui obrigado a fazer um exame de datilografia, na frente do médico chefe do Banespa, na rua Quinze de Novembro em São Paulo, porque ele não acreditava que, com uma mão só, eu pudesse datilografar. Depois ele me liberou assim (ou sofreria um processo indenizatório tremendo) 'Vamos fazer o seguinte, eu vou assinar o laudo (naquela época se trabalhava com camisa branca, manga comprida, abotoada e de gravata). Você vai trabalhar de manga comprida e ninguém vai ver mesmo, então eu vou te liberar.' Outras vezes passava em concurso público pro Estado, chegava na rua Maria Paula em São Paulo e, depois de uma série de exames, o último era o clínico geral. Ele me perguntou 'Teve alguma doença grave?' Falei não. Quando ele começou a me examinar, e colocou a mão no meu braço, perguntou

'Que que você tem no braço?', 'Tenho paralisia infantil.' O médico falou o diabos pra mim! Que eu estava escondendo, que estava sendo desonesto. Na minha opinião não era uma doença grave, tinha me superado, passado em concurso que constava provas escri-

evoluíram. E obrigatoriamente o Estado exige que seja dada acessibilidade, oportunidade, não é ainda de uma forma ideal, mas é um avanço muito grande.

Ao menos existem as leis para que possamos



Marcelo Dias

tas, todos os exames médicos, datilografia, tudo isso. Graças a Deus, com o passar do tempo, eles foram ver que o deficiente físico poderia colaborar e prestar um serviço para a sociedade. E hoje eu vejo com muita alegria tudo isso que se faz hoje. Ontem li uma notícia que o primeiro juiz cego do Brasil está assumindo como desembargador no Paraná, para o Tribunal Regional do Trabalho. Poxa vida! Isso é fantástico. É uma conquista muito grande. Então tudo isso é questão de educação. Tudo envolve educação. Participei disso como ator, sofrendo as conseqüências disso tudo. Uma vez prestando concurso interno em um banco lá em Altinópolis, passei em primeiro lugar, o gerente me chamou na sala e falou 'Olha Valter, você passou em primeiro lugar, porém eu não posso te contratar porque eu tenho um indicado aqui que é o melhor cliente do banco e tenho que atendê-lo.' Respondi 'Concordo plenamente.' Saindo da sala do gerente, o contador disse 'Você viu, Valter, por que você não pode ser contratado, né?', 'Sim, ele me falou.', 'Então, você não poderia pegar a máquina de escrever com uma mão só do balcão e colocá-la em cima de uma mesa!'

Só por isso?

Só por isso. Então são situações que hoje

ser cobradas.

Sim, sim!

Não que elas sejam aplicadas.

Mas elas começam a ser. Hoje, todos os prédios públicos têm que ter acessibilidade. Uma faculdade que não tem acessibilidade, não tem curso autorizado. Com essas modificações, nós tivemos a oportunidade de oferecer, lá na Barão de Mauá, a formação a uma deficiente visual total, a Ana Maria Coutinho, e a um pedagogo. Há pouco tempo, uma aluna concluiu o curso de História. E isso tudo pela obrigatoriedade da lei, se não houvesse essa conscientização, essas pessoas estariam à parte, não teriam oportunidade. São poucos? São poucos, mas sempre é um início. Comparo a educação com moda, estilo. A moda vai e volta. E a educação é um pouco isso. Muda um governo, muda um processo, daí um pouco volta aquilo. Hoje com a semestralidade, o bacharelado, curso três em um (que é o bacharelado mais a licenciatura), estão dando ênfase pra tudo isso. Se você pegar lá em 1939 já tinha isso. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases para a Educação) de 1998 foi uma lei que todos os analistas educacionais falaram que era muito aberta, porque dava liberdade às instituições para que se criasse. A criatividade prevalece. Logo em seguida, veio

a regulamentação e acabou voltando ao que era antes. Depois, vieram as diretrizes curriculares. Ótimo! Possui as obrigações e o curso programado dentro das suas características. Porém seguindo algumas regras, que determinam carga horária mínima, duração mínima, determinam inclusive as disciplinas. Do contrário, as comissões que avaliam o curso te direcionam ou te obrigam a isso. Volta ao que sempre foi muito contestado, anterior a 68. Tinha uma lei, a 5.540, que definia os currículos mínimos e o tempo de duração dos cursos. Tinha ali um elenco de disciplinas que obrigatoriamente tinha que constar do currículo da sua escola. Diziam que isso engessava muito a criatividade dos estudantes. Foi revogado, vieram as diretrizes e agora está voltando tudo! Os cursos tecnológicos, superiores. Que equivalem aos de graduação.

Os de dois anos?

Dois ou três. Não é você quem determina. Ele já vem predeterminado. O nome não é você quem dá, existe um catálogo de denominação.

É como um pacote mesmo?

Um pacote. Só que antes era o currículo mínimo das profissões regulamentadas. Agora não, agora o tecnológico é dessa forma. Se pegar a graduação, também é dessa forma. É um vai-e-volta muito grande. A excelência do ensino, a formação de bons profissionais, está concentrada basicamente numa escola séria, onde professores te dêem uma formação correta, exigente e onde haja um alunado comprometido. O resto é o resto. O jeito que se vai fazer isso é supérfluo, a própria estrutura da escola vai administrar isso. Ficar impondo muita regra você desvia recursos que teria que aplicar na qualidade de ensino para cumprir determinações legais. Por exemplo, o nosso centro universitário. Tem que ter no mínimo 30% dos professores com titulação de mestres e doutores. Não estou menosprezando o título de mestre, mas a experiência que tenho é que, às vezes, a pessoa com titulação de mestre não propicia a formação que um graduado propicia. O graduado tem muitas vezes o conhecimento, oratória, tem o dom de ser professor. Hoje se termina a graduação com 21 anos, 22 terminou mestrado, 24 terminou o doutorado. Sem experiência de docência, experiência de vida ou profissional. Mas tem um título. E muitas vezes ele não dá o recado. Já vi muitos e muitos doutores excelentes e respeitados pesquisadores, que na hora de dar uma aula não conseguem. Aquele que ou o aluno dorme ou sai da sala. Ele não consegue transmitir...

Tem professor que tem o dom de derrotar a insônia.

E tem professor que, ao contrário, consegue fazer com que todo mundo assimile o que ele está dando. Então essa é a grande preocupação do ensino. Se atender as determinações legais para funcionar, às vezes o recurso que é usado deixa de ser aplicado lá onde precisariam. Não só a formação profissional não, a humanística, do cidadão mesmo. Penso que para qualquer curso, é obrigatório o conhecimento da língua portuguesa, da sociologia e de todas essas disciplinas voltadas para a humanidade. Isso daria uma visão para o formando, muito mais consciente do mundo em que ele está envolvido, e aí sim ele poderia ser um agente de transformação.

Vivemos muito presos na lógica?

Na lógica e no sucesso imediato. O aluno quer concluir o curso hoje e amanhã ele quer estar no mercado de trabalho defendendo o dele, correndo atrás do salário, comprando sua casa, seu carro, etc. Tudo bem que ele faça isso, a escola tem que propiciar oportunidade para que ele cresça também nesse aspecto. Mas se você desse uma formação mais

cidadã para ele, mudaria muitos aspectos do mundo. Daí você fala que isso é sonho, é para daqui duzentos anos. Não é.

Qual o maior empecilho para que isso seja aplicado hoje nas faculdades, principalmente nas particulares?

Não é só faculdades, isso tem que começar no seu início, no ensino de base. Existem muitos colégios que tentam fazer isso. Agora, na faculdade é primordial. Mas não é obrigatório porque não é obrigado a incluir no currículo. Nas diretrizes, todas elas têm uma formação humanística, de cidadão, etc.

Por exemplo, em um curso de ciências da computação, como chegar a isso?

Você pode. Um curso de medicina por exemplo. De biomedicina, de enfermagem. Tem que formar não só o enfermeiro, o biomédico, não só o farmacêutico. Mas alguém que esteja comprometido com a sociedade, com a comunidade.

As pessoas não têm isso em casa, essa noção, e então passam para a escola essa responsabilidade?

Não tenha dúvida. Estou com 66 anos. Tenho até hoje os conceitos e os princípios de comportamento envolvendo ética, honestidade. Se bem que honestidade está envolvida na própria ética. Um conceito bem amplo daquilo que eu trouxe de casa. Falo isso por experiência própria, de quarenta e tantos anos conversando com aluno. Por mais que a família queira dar, muitas vezes ela não passa esses valores. Às vezes porque é o próprio exemplo. No meu tempo, a mãe ficava cuidando da educação do filho, acompanhando. Atualmente ela tem que sair para trabalhar. Não condeno isso, primeiro porque ela tem que ter a oportunidade dela. Segundo porque muitas vezes é necessário. O sucesso profissional dela tem que ser considerado. A criança vai sendo criada dentro daquilo que ela vive, e ela vive nessa competitividade e vai entrar passando por cima de todo mundo se ela puder.

Bem bárbaro isso.

Outro dia atendi a mãe de um aluno que foi reclamar de nota, e que o professor estava perseguindo ele. Fui conversando com ela e questionei, quantos anos tem seu filho? Ela falou 35 anos! A mãe foi reclamar da nota de um filho de 35 anos! Quando fazia o grupo, chegava em casa, falava alguma coisa da escola e minha mãe respondia 'Você não tem razão!', 'Mas mãe, ele me perseguiu!', 'Perseguiu coisa nenhuma! Você que não fez a tarefa, que não estudou, você que aprontou dentro da aula e o professor tem razão. Se você tivesse estudado, ficado quieto, feito os exercícios e as provas, ninguém ia te pegar no pé. Foi porque você não fez nada!' Jamais ela foi lá. Eu pagava o pato perante ela. Nunca me relou a mão ou me deu castigo. Mas o sermão que ela fazia... eu pedia 'Faça que nem os outros pais, as outras mães, pega a varinha e pode bater, mas não faz sermão, não.' O sermão era pior do que apanhar. Mas isso é educação de berço.

Hoje em dia o sermão não é ouvido, e se bater o pai vai preso...

Vai preso e se você fizer qualquer coisa na escola, responde na justiça. É muito difícil.

E se o professor der algum sermão, o aluno já fica injuriado.

Não está acostumado.

Nessas mais de quatro décadas de ensino, principalmente dentro de uma faculdade, onde se gerencia a futura vida profissional e se lida com a dita "melhor fase da vida" da pessoa, quais as histórias que te fazem acordar e ir trabalhar todo dia?

Tenho o privilégio de ter feito a colação de grau da mãe, posteriormente da filha e hoje, há pouco tempo, uma senhora me procurou depois de uma colação de grau: eu estava colando grau do neto dela! Isso é um privilégio

que nos deixa muito satisfeitos. E vejo o seguinte: na entrada das aulas ou do intervalo, sempre fico ali no pátio e observo os jovens entrando e saindo das salas, principalmente à noite. Percebo a responsabilidade, não só do diretor, do professor, mas do servente e de todo mundo envolvido dentro de uma escola. É uma responsabilidade que envolve pessoas que estão em busca de uma vida



melhor. Pessoas que muitas vezes você vê e pensa, 'Eu tenho que oferecer algo para que essa pessoa cresça.' E a responsabilidade aí até nos dá medo. Porque se a gente falhar, se a estrutura toda falhar, essas pessoas ficarão decepcionadas e não conseguirão alcançar os objetivos delas. Isso nos traz um senso de responsabilidade e preocupação muito grande. Mas também nos traz muita alegria quando você sai e vai numa escola de 2º grau e vem os professores, o diretor, a diretora, te abraçar e dizer 'Puxa vida, Valter, que bom! Lembra de mim? Sou ex-aluna de lá. Estou aqui porque tive um problema lá e você me ajudou, incentivou. E estou aqui graças a você.' Isso traz uma satisfação muito grande. Situações nesse tempo todo, inúmeras nesse aspecto, é difícil situar uma ou outra. Muitas vezes, por exemplo, a família chega aqui, deixa o aluno, o filho, e aí, ao invés dele aproveitar aquela liberdade para desenvolver as atividades e estudar, por companhia ou razões outras que não vêm ao caso, ele acaba indo para um outro lado, e o pai chega aí depois de dois anos pensando que o filho está para terminar, e ele nem matriculado está.

Já aconteceu do pai chegar e nem matriculado o filho estava?

Teve! Muitas vezes. Pai vir para a colação de grau e o filho não ter terminado nem o primeiro ano. Me vem aquele sentimento de frustração, mas ao mesmo tempo até de alegria porque eu pude ajudar um pai a tirar o filho de onde ele estava. Quando o pai vem e diz como o filho está, eu falo e já falei muitas vezes, 'pega teu filho, leva com você, dá atenção para ele, leva embora.' Perguntavam, 'mas e a escola?'. 'Escola é secundário, cuida do teu filho que ele está precisando mais de você.' São situações assim que muitas vezes me lavam a alma. Que gostoso trabalhar com pessoas que você pode ajudar. Propiciar condições para que ela cresça, para que amanhã seja um cidadão consciente, cumpridor dos seus deveres, trabalhador. Onde é a biblioteca hoje, tinha na parte de cima, como um anfiteatro, mas era reto. Chamávamos de Jumbão, porque tinha o supermercado Jumbo Eletro e lá também era grande. Um belo dia, chegam para fazer matrícula um senhor, a esposa dele e a filha. Na época existia o crédito educativo e o pai questionou onde poderia ver o crédito. Falamos 'O senhor vai no Jumbão e pega todas as informações.' Ele saiu. Três horas da tarde, no sol de Ribeirão Preto, chegam o senhor, a mulher e a filha transpirando, todos molhados, e ele disse 'Oh moço, o senhor mandou, fui lá no Jumbo mas lá não tem crédito educativo.', 'Mas onde o senhor foi?',

'Ué, lá no Jumbo Eletro da Independência! Ele foi à pé da Barão Central até lá!'

E sua vida como aluno, como foi?

Na época tinha o grupo, o ginásio, o colegial que era feito se a opção de seguir carreira fosse na área de saúde, ou clássico para a área de humanidades. Em Altinópolis não tinha nem ginásio na época. Tínhamos que ir para

proveitei nem os créditos, comecei da estaca zero. Casado, com 36 anos, aquela meninada e foi uma experiência maravilhosa.

O senhor cursou direito?

Cursei direito, no meu histórico creio que não tenha nenhuma falta, nunca peguei uma dependência e trabalhando os três períodos. Fazia o curso à tarde. Saía de casa, deixava minha esposa no Santa Úrsula (antigo colégio), vinha para a Mauá ver se estava tudo em ordem, corria para a Unaerp, depois corria para a Mauá às 16h30, às 18h pegava minha esposa e levava para casa, e às 19h estava de volta na Mauá. Ficava até as onze da noite. E trabalhava aos sábados.

Durante quanto tempo isso?

Os quatro anos do curso. Muitas vezes ia pra casa e no caminho pensava em largar o curso. E o que me levou a terminar e a depois fazer outras coisas era o medo de me arrepender dali dois, três anos. E consegui terminar. Fiz alguns cursos, que chamaria de extensão, na área educacional. Já conhecia tudo. Hoje nem tanto, mas antigamente eu sabia bastante da área de legislação educacional. Mas a gente vai ficando velho e esquece tudo. (risos)

O senhor fez algum mestrado, doutorado?

Não, não. Mas ainda vou fazer. 66 anos, eu ainda vou fazer. Não sei se ano que vem, mas vou. No direito, tem alunos com 60. Tem um amigo meu com 55 anos! Ele diz que tem que pagar a mensalidade em dia porque tem 55% de desconto. Mas eu vou fazer mestrado. Minha filha está terminando e assim que ela acabar o dela, eu começo o meu. Fiz até inscrição no Moura Lacerda, depois fui lá me informar e o valor era considerável. Até dava para pagar, mas não achei justo eu fazer um mestrado e minha filha não. Porque ela havia entrado na Unaerp e não dava para manter os dois. E logo depois que ela começou, conseguiu uma bolsa da CAPES. Ela não pagou e ganhou um salário para estudar. Mas ainda vou fazer um mestrado, numa estadual ou federal.

O senhor tem alguma área específica?

Sempre nessa área educacional. Mais administrativa, legal, o que dá o suporte para tudo isso. Hoje uma escola está como empresa. Por exemplo, você falou que seu pai é contador. Ele tem que ficar lendo, pois de meia em meia hora sai uma legislação nova.

Todo dia ele fala de uma lei nova...

A escola está do mesmo jeito. Toda hora, todo dia tem uma nova portaria, resolução, parecer, decreto, lei e você tem que interpretar isso. E ainda vou fazer não por efeito profissional. É uma satisfação pessoal. Minha e, se Deus quiser, um exemplo principalmente para os meus filhos. Que graças a Deus eu não tenho preocupação nessa área dos estudos com eles. São estudiosos e bons alunos, mas acho que é ainda algo que gostaria de deixar para eles. Estou deixando um exemplo que, quando todo mundo tinha televisão em casa, a gente tinha lamparina. Saímos daquela, tivemos condição de oferecer um padrão de vida bom para eles. Sempre me portei dentro de princípios morais e éticos de honestidade, que é um exemplo que deixo para eles. E um exemplo principalmente de respeitar as pessoas. Ao invés de olhar o lado negativo, pode ter certeza que qualquer pessoa tem um lado muito bom que se você olhar, o aspecto negativo vai passar. Acreditar nas pessoas.

Qualquer pessoa?

Acredito que sim, muitas vezes alguém chega e me diz 'Poxa Valter, o cara te fez de bobo.' Tudo bem. Mas um me fez de bobo. Quantos eu atendi bem e precisavam que naquele momento alguém acreditasse neles? Porque hoje teve um retorno muito favorável. Esse um que me fez de bobo, azar o dele. Eu acreditei nele. Uma vez, como advogado, recebi um senhor e os filhos dele estudaram lá, e ele estava



devido. Ele chegou perguntando como fazia para pagar. Respondi perguntando 'De que jeito você pode pagar?', 'Ah, eu posso pagar assim, assim.' Tirei juro, honorários (eu nunca vi honorários na minha vida) e ele perguntou onde iria assinar. Falei que ele não iria assinar nada. Ele vai cumprir se ele quiser. Sempre fiz isso e a maioria cumpriu mais do que se tivessem assinado. Iria fazer o quê? A pessoa chega lá sem condição e vou pisar ainda mais na cabeça do pobre coitado? Muitas vezes não se paga não por falta de vontade, mas por falta de condição. Agora vai afundar mais o cara? Eu estipulava uma quantia e eles pagavam, às vezes muito pouco, mas pagavam. Teve um que chegou todo pomposo, falando que não iria pagar. Falei 'Vamos lá, a gente faz um acordo.' Devia mil reais, que naquela época representava um ano inteiro de curso. Quis pagar em cinquenta vezes de vinte reais. Mas fiz ele assinar as promissórias, tive uma mão de obra para fazer! Passado algum tempo e perguntei se estava dando tudo certo, se estava pagando. Ele respondeu 'Eu não, eu não vou pagar aquilo lá nunca! Se quiserem vão me cobrar na justiça.' Esse me fez de bobo, mas e todos os outros? Como

falei no início da conversa, as pessoas que no ginásio, nas empresas, supermercados, me encontram e falam 'Graças a você eu concluí o curso, graças a você eu sou o que sou hoje.' Naquele determinado momento eu acreditei nele. Isso que eu quero deixar para os meus filhos.

A lição é acreditar no ser humano?

Ah sim, sempre. Sempre acreditar. Isso é de fundamental importância. Você não tem porque não acreditar. As pessoas têm o lado bom e você tem que acreditar, sim. Porque quando você está bem, todos estão ao seu lado. Quando você tropeça, as pessoas ao invés de te darem a mão, querem pisar na sua cabeça, te afundar ainda mais. Poxa, dá a mão, tenta. Às vezes não dá pra ajudar, mas que seja verbal, uma palavra de incentivo e de apoio. É isso que ela pode estar precisando naquele momento. Acreditar nas pessoas, trabalhando cada um dentro da sua área, procurando fazer da melhor forma possível, sempre pensando no bem estar não só seu, que é de fundamental importância, mas pensando também que outros dependem daquilo. É isso que eu quero deixar para os meus filhos, que eles façam assim, e acredito que eles farão dessa forma.

PUBLICIDADE

www.contabilribeiraopreto.com.br

ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL RIBEIRÃO PRETO LTDA
- Serviços Contábeis em Geral -



Tradição e Confiabilidade desde 1978

Rua Pernambuco, 1610 - Tel/Fax: (16) 3234.3745

email: ocrp@contabilribeiraopreto.com.br

anuncie aqui!

16.3289.0709